



LÍVIA PAULINI: TECENDO OS FIOS DA MEMÓRIA

Maria Inês de Moraes Marreco¹

Este texto objetiva apresentar a obra memorialística ou de testemunho, *Ancoradouro*, da escritora húngara Lívia Paulini, que se radicou em Belo Horizonte, em meados do século XX, deixando para trás os horrores da Segunda Guerra Mundial.

A escritora recorre à sua memória privilegiada e fala com emoção da violência e do sofrimento provocado pela guerra e pelas inúmeras mudanças a que são forçadas as pessoas que a vivenciaram. Articulando as lembranças com fluxo de consciência fragmentado, ela cria uma narrativa que, a princípio, sugere descontinuidade, mas, na verdade, reflete as experiências traumáticas que vivenciou.

Lívia Paulini graduou-se em Pedagogia e Psicologia, em Győr, no ano de 1941, mesmo ano em que especializou-se em taquigrafia nas línguas inglês e alemão. De 1942 a 1944, cursou literatura, línguas, desenho e pintura, na cidade de Budapeste. É artista plástica, com trabalhos expostos em trinta e duas exposições nacionais e internacionais, individuais e coletivas, com premiações em Washington (1975) e Munique (1976), além de outras. De sua obra literária destacamos: *Ancoradouro*, (1980); *Os ipês ainda florescem*, (1983); *A literatura húngara*, (1983); *Henriqueta Lisboa: uma poetisa mineira e sua mensagem universal*, (1986) e *Pérolas de Minas* (1983). Tradutora para o húngaro de diversas obras, organizadora de livros e revistas, conferencista e ilustradora. Recebeu inúmeras honrarias, dentre as quais, Medalha da Inconfidência (1989) e Mérito Cultural (1993). Conselheira da Casa do Editor, São Paulo, Presidente Emérita da AFEMIL, entidade que presidiu de 1988 a 1994, coordenadora da Sociedade Amigas da Cultura, em Belo Horizonte, Diretora da International Writers Association, EEUU e da World Poetry Seul Korea (1987-1989) e Presidente da Comissão Seletiva da Arcádia de Minas Gerais (Cadeira nº7). É citada em Antologias e Dicionários nacionais e internacionais.

A escritora, através da voz de Liza, a protagonista do *Ancoradouro*, antecipa para seu leitor o que estaria por acontecer desde quando voltou para a casa dos pais depois que terminou seus estudos:

Nas primeiras noites depois de minha volta à casa, com o diploma “no bolso”, perdi o sono. [...] reparei em numerosos anúncios: “Pessoa com diplomas universitários aceita qualquer trabalho...”, “Engenheiro conserta tudo...”, “Laboratório de Patologia mudou-se para os consultórios médicos... à rua X...”. Em poucas palavras,

¹ Doutoranda na PUC-MG e na UFMG. mimarreco@yahoo.com.br



vi que, para consertar uma torneira, poderia chamar um engenheiro, e para meus futuros filhos, poderia contratar uma babá com diploma de médica; [...] Percebi a miséria, a oferta excessiva de mão de obra. [...] Comecei a sentir que estava navegando entre dois polos, sem poder sequer ancorar em nenhum dos lados. Nem podia optar, pois não existia alternativa. [...] Senti-me sem raízes na cidade, como se não houvesse lugar para mim. (PAULINI, 1980, p.236)

Algum tempo depois e já casada, quando dá à luz seu primeiro filho, Liza relata seu desespero ao perceber que o silêncio do hospital havia sido interrompido por uma voz nervosa: “Atenção, atenção! Aviões inimigos entraram em nosso espaço aéreo... Todas as unidades de socorro estejam alertas” (PAULINI, 1980, p.306). Instaurara-se o horror da guerra. Liza sabia que isso poderia ocorrer a qualquer momento, mas somente diante do fato consumado é que reconhece não ser o bom senso o melhor companheiro das horas difíceis, e o descontrole é inevitável:

- Meu filho... Onde está meu filho?

Foi surpreendente ver como é rápido um pânico estourar. No corredor se ouviu o grito:

- Ataque aéreo! Todos ao abrigo! [...] Fiquei gelada, sabendo que estava sem poder levantar-me. A porta se abriu, e a enfermeira alta, mandona, entrou com meu filhinho nos braços:

- Vamos conservar a serenidade e ir para um lugar seguro, pois até eles acharem uma área mais vulnerável que desvie daqui a atenção, ou a Cruz Vermelha interferir, o perigo é óbvio. (PAULINI, 1980, p.306-307)

Diz Márcio Seligmann-Silva: “... não se deve discutir a magnitude das catástrofes em termos numéricos, mas sim em termos qualitativos. O evento catastrófico é um evento singular porque, mais do que qualquer fato histórico, do ponto de vista das vítimas e das pessoas nele envolvidas, ele não se deixa reduzir em termos de discurso”. (SELIGMANN-SILVA, 2005, p.83)

Ao mesmo tempo em que a noção de testemunha primária pode ser aplicada ao sobrevivente, cumpre-se aqui, através desse testemunho, um papel de justiça histórica. Entretanto, não nos esqueçamos de que o texto está sempre marcado pelo complexo jogo das diversas camadas temporais e espaciais. Em cada leitura o leitor o reconstrói e o atualiza, isto é, um texto nunca é definitivo. Não nos iludamos quanto a existência de um texto original estanque.

Logo, não podemos pensar em literatura de testemunho sem a concepção antiessencialista do texto. O testemunho de uma guerra, nesse caso, não deveria ser compreendido como uma descrição “realista” do ocorrido, não há transparência total.

Ancoradouro é uma saga da família da autora. Mas, segundo ela, poderia coincidir com qualquer outra família da Europa Central, já que as três gerações descritas no livro viveram enquanto duas Guerras Mundiais aconteceram, o que não poderia deixar de influenciar sobremaneira a vida de quem as presenciou. Diz Lívia Paulini, em entrevista: “Nunca houve um espaço entre as guerras ou as revoluções. Rompiam-se as possíveis calmarias entre os intervalos. O perigo de vida era uma constante. Aos momentos de luta – às vezes corporal – e/ou ocupações estrangeiras seguiam-se tempos sangrentos”.



Para Henriqueta Lisboa: “O livro é a história recente da humanidade romanceada”. O Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais o aceitou como obra histórica e a União Brasileira de Escritores o premiou, classificando-o como romance.

O então romance-histórico poderia ser dividido em duas partes: a primeira, tempo da infância e juventude da protagonista, permeadas de sonhos, esperanças, planos para o futuro e descoberta do mundo interior. A segunda, na qual a esperança nunca deixa de transitar, sua ida para a Alemanha, na expectativa do aprimoramento profissional e artístico. Nessa segunda parte, incluiríamos ainda, além do estudo e do trabalho, o amor, a maternidade, a guerra e a luta pela sobrevivência. A vinda para o Brasil, especificamente para Belo Horizonte – seu “ancoradouro”, poderia ser considerada um “final feliz”.

Ao texto, propriamente dito, poderíamos atribuir uma espécie de montagem de cenas de guerra. Cenas que se sucedem umas após outras, juntando a memória pessoal à memória coletiva dos que lá morreram, fugiram ou simplesmente desapareceram.

É quando Liza retorna à casa com um nenê nos braços, consciente que tinha que lutar pela sua felicidade. A família, numa tentativa de manter o equilíbrio, faz ainda sua última festa de Natal, que, entretanto, é interrompida pelo barulho da sirene, avisando da possibilidade de bombas. Surgem então, os problemas decorrentes dos tempos de guerra:

... falta de carne, gordura, farinha, leite. [...] Ninguém precisava ver a bola de cristal, para adivinhar que o fim estava perto. Quando alguém ia para o trabalho de manhã, sabia que não havia horário fixo para a volta. [...] Sem aviso de um ataque aéreo, as bombas caíam. [...] Eram poucas as notícias que significavam algo para alguém, e raro o acontecimento que fugia ao assunto da guerra. (PAULINI, 1980, p.334)

O caos estava instalado. Através dessa narrativa, que mistura com habilidade, realidade e ficção, Livia Paulini mergulha na diáspora dos emigrantes do pós-guerra, transformando-a em verdadeira saga contada da perspectiva feminina. E, provavelmente, dessa perspectiva é que Liza, no papel de mãe, de filha, (a mãe a acompanhava), e de esposa, colocava em primeiro plano a segurança da família. A única chance de sobrevivência que via, pelo menos naquele momento, era o refúgio da Ilha Kisoroski: “... mais uma parada para nós, entre os bombardeios da cidade, onde ainda nos poderíamos refugiar e respirar livremente”, “Uma ilha num mar de fogo”. (PAULINI, 1980, p.340) Nessa ilha Liza se transforma numa camponesa e convive com mais uma preocupação, a possibilidade de uma nova gravidez.

É quando recebem a notícia de que a Universidade ia transferir-se para a Alemanha – Liza e Erwin foram escalados na primeira turma. A despedida se dá em meio a belas manifestações de amizade que enterneceram os corações da família, mas: “Na guerra não há lugar para lágrimas [...] “Na guerra não se devem fazer despedidas”. (PAULINI, 1980, p.343-344) Há somente a



necessidade premente de abandonar a Pátria e as coisas amadas. Budapeste se deteriorava dia após dia, devastada por bombardeios. Havia um trem que sairia de lá com os professores da Universidade Real da Hungria e seus familiares, e esse trem seria o último a sair antes da ocupação. Não havia outra saída, a esperança de dias melhores não os abandonava. Assim, seguiram para mais um destino incerto.

De repente, o trem parou e ouviram-se ordens para pegar as armas, pois, o batalhão russo queria fechar a ferrovia. O maquinista abandonou a máquina e os estudantes de engenharia assumiram seu comando. Como um milagre conseguiram, na contramão, a 120 Km por hora, chegar a Viena. Daí seguiram viagem, até que cinco dias depois, chegaram a Breslau, mudando o plano original.

Registra-se no romance a data de 8 de dezembro de 1944 que tem como abertura de uma segunda parte do livro o título “II Eclipse”. Presume-se o início de uma nova etapa do *Ancoradouro*.

Foram recebidos na Alemanha de maneira festiva, com banda de música que tocava os hinos das duas nações. Chegara, enfim, a hora de acomodarem a Universidade Real Húngara nas terras alemãs e as palavras de lei eram: “dignidade, coragem, sacrifício”. (PAULINI, 1980, p.379) A acomodação se deu dentro das regras do país, com disciplina, organização, dignidade, de certa forma, rápida e agradável. Mas, em troca da aceitação de todos quanto à submissão às leis nacional-socialistas.

Logo depois de instalados em seus respectivos alojamentos, receberam a visita de um militar convocando-os à luta:

- Onde as nossas forças estavam mais fracas, entraram os bravos húngaros. Lutamos lado a lado. O resultado sempre foi vitorioso. Agora a luta está reduzida à defesa da casa, contra a invasão, mas somos incomparavelmente mais fortes que o inimigo. Ao mesmo tempo em que sabemos isto, não queremos improvisar, mas planejar. Ainda virá a luta decisiva, de que ninguém pode se ausentar. Desta vez também queremos contar com vocês, estudantes. Não é preciso se assustarem com esta luta. (PAULINI, 1980, p.383)

E, caso não cedessem a essa pressão, a universidade poderia ser extinta, e, no máximo conseguiriam transporte para irem para outra cidade. Logo visualizaram a ordem militar colocada na entrada do alojamento: “A Universidade Real Húngara será dividida em dois grupos: os médicos vão seguir para Halle e os engenheiros, para Dresden. Saída, às oito horas com acompanhamento militar. (PAULINI, 1980, p.387)

Seria óbvio dizer que experiências como essas são indescritíveis, mas somos obrigados a entender que elas foram marcadas a ferro nas mentes daqueles que as vivenciaram. E, isso escapa à nossa capacidade cotidiana de simbolização.



A onipresença da morte faz com que a linguagem se torne mais “concreta”, por exemplo, nas palavras desesperadas de Piroška: “A morte está à nossa espera, [...] Antes que nossas filhas nasçam, Dresden vai sumir e não sei como vamos sobreviver [...] sei que a morte está à nossa espera. Está rodeando-nos, espreitando, vigiando. Aquela mesma morte de que escapamos no caminho, correndo na contramão...” (PAULINI, 1980, p.385). Ou nas observações sensatas de Ajtay: “Não somos os únicos que estão passando por noites escuras... milhões de corações húngaros estão sofrendo em todos os lugares... milhões de pessoas estão pedindo misericórdia em vão... a única escolha é enfrentar o futuro com esperança, humildade e resolução”. (PAULINI, 1980, p.385)

E é à onipresença da morte que Márcio Seligmann-Silva atribui o não-lugar da ilusão: “Não há espaço para a metáfora – apenas para a metamorfose”, as pessoas presenciam corpos queimados, a fome e descobrem que o mais forte transformou-se em seu dono.

Na medida em que pensamos sobre essa obra, fica claro que a literatura de testemunho, da qual esse livro é um exemplo, é contribuição valiosa para a história dos gêneros literários. A literatura de testemunho é filha da própria história. Afirma Seligmann-Silva: “Indivíduos e mundo são construídos simultaneamente através dessa literatura”. (SELIGMANN-SILVA, 2005 p.110).

Também Walter Benjamin, brilhante teórico desse gênero, de forma indireta e sem denominá-lo “literatura de testemunho”, diz:

Recordações, mesmo quando são ampliadas, não representam sempre uma autobiografia. [...] Pois a autobiografia tem a ver com tempo, com o desenrolar e com aquilo que constitui o fluxo da vida. Mas aqui trata-se de um espaço de momentos e do inconstante. Pois, mesmo que surjam aqui meses e anos, eles o fazem sob a figura que têm no momento da rememoração. (BENJAMIN, 1985, p.448)

O testemunho de Livia Paulini traz essas características. Sua obra trata do tempo, dos espaços, de tentativas de descrever paisagens, cores e, essencialmente, os seres humanos. Não traz uma concepção positivista da história. O objeto do relato é construído num determinado presente de sua vida. Paulini despreza a indiferença política, o autoritarismo do poder. Seu testemunho possui um corpo – a dor – como um dos alicerces. A autora destaca várias vezes o sentimento de revolta, de ultrapassamento dos limites do ser humano. Fala da humilhação da chegada a Dresden, nas cenas da desinfecção, da falta de respeito do militar pelo homem comum e observa a espoliação da condição feminina.

Mas o ápice de suas descrições são as arrasadoras cenas do Bombardeio de Dresden, nas quais a dor e o horror do massacre da cidade são avaliados. Liza fala das muitas espécies de morte que já tomara conhecimento em sua vida, e afirma:

... a morte, frente a frente, não se parece nada com aquela dos livros de autores consagrados, [...] com os dramas de Shakespeare, [...] nem com as cenas de morte a que assisti nos filmes de Hollywood, [...] Estes e muitos outros massacres e carnificinas tinham acontecido até aquela data, dia 13 de fevereiro de 1945. Mas em



nenhuma das ocasiões anteriores o incêndio foi maior... Eu o vi. O fogo chegou até o céu. Iluminava tudo ao redor. [...] nossos cabelos, vestidos e casacos já tinham pegado fogo e tivemos que largá-los, enquanto cobríamos os cabelos com os restos dos panos. [...] o fogo chegou até lá e ameaçou a única possibilidade de sair pela janela. (PAULINI, 1980, p.406-409).

O imperativo de viver não se confunde com o medo de morrer. E se a única chance de sobrevivência estava atrelada ao risco da morte, a coragem era via de mão única. Valho-me aqui das palavras de Livia Pulini para ultrapassar as terríveis barreiras da guerra na direção de um novo mundo:

Na visão da mulher surge, com uma força irresistível, o inesgotável mistério da nossa existência. Nesses momentos de percepção fugaz, perde-se a vontade dos desejos momentâneos, desaparece a luta por objetivos fúteis de que se compõe o cotidiano. A alma envolvida numa noite escura, iluminada apenas pela luz trêmula da solidariedade humana. É bom fixar a visão numa imagem ou no vulto assombroso do destino, com resignação, ou na imagem sagrada da maternidade e ir ao encontro da alma com o mundo de onde nascem a caridade, a sabedoria, a esperança e começa uma vida nova. (PAULINI, 1994, p.53)

Esse fragmento é digno de nota não apenas por representar um momento de esperança, mas também, explicitar a reconstrução da vida. Leva-nos a refletir como a autora dá à liberdade um sentido quase místico ao longo da narrativa de seiscentos e quarenta e uma páginas, envolvendo imaginação e memória, vida e morte, sonhos e esperanças.

Nas descrições da reconstrução da vida a narradora fala de uma fazenda para onde se mudaram, da vida campestre e a procura de um novo emprego. Liza trabalha por algum tempo num abrigo para crianças abandonadas e Erwin em um laboratório numa cidade próxima, até que surge o convite de Miss Wieler:

- Vai ou não vai aceitar um convite para emigrar para o Brasil?
- Quando?
- Amanhã. – Ela disse aquilo como se fosse a coisa mais natural do mundo, e só nos faltasse fechar as malas e partir. (PAULINI, 1980, p.537)

A essa altura dos acontecimento Liza e Erwin não tinham mais necessidade de lutar pela sobrevivência. A guerra havia terminado e estavam mais amadurecidos para avaliar as transformações pelas quais as mais diversas nacionalidades optam por sair do seu país de origem e tentar adaptar-se a uma nova Pátria. A Universidade, que havia representado para eles o refúgio, o liame com a Pátria, a segurança, os laços sentimentais com a Hungria, tinha sido dissolvida numa constatação evidente de que “...desfizera-se uma instituição de um país inexistente”. Porque não aceitar esse desafio? Miss Wieler estava à espera da família com um convite na mão, da parte do governo brasileiro.

Despedem-se da Bavária, seguindo o rio Reno e levando em seus corações a presença do Danúbio. Na Alemanha recolhem-se nos hangares bombardeados do antigo aeroporto, esperando



transporte para o Brasil. Nesse abrigo juntavam-se pessoas de diversas origens: gregos, húngaros, rumenos, alemães, etc. Finalmente, seguem à busca de seu “ancoradouro”.

A narrativa, então, aborda a viagem para o Brasil. A travessia do Canal da Mancha, o Oceano Atlântico, pessoas famosas à bordo, aulas de português, dicionários, etc. E, entretecido a tudo isso, a expectativa: “Será que senti medo de pisar nas terras novas e desconhecidas? De que deveria ter medo? Do tamanho do país? De ter trocado uma terra tão pequena como a Hungria por um gigante como o Brasil?” (PAULINI, 1980, p.593)

Pintando com alma de artista e cores vibrantes, sua primeira impressão da nova Pátria, a escritora registra a chegada ao Rio de Janeiro do primeiro navio de imigrantes depois da Segunda Guerra Mundial. A voz narrativa vai nos mostrar com entusiasmo, sutileza e, porque não, certa inocência e pureza, não só seu entusiasmo com a chegada ao Brasil, mas também, seus pequenos pecados orçamentários, com gastos além das possibilidades do casal.

Seguem-se as novidades da nova vida, as cartas dos amigos, as cópias dos diplomas de Liza e Erwin e um convite para morar em Belo Horizonte.

Mais um trem, porém, dessa vez, um trem cheio de esperanças. O Vera Cruz, que os levaria ao verdadeiro “ancoradouro”. Um trem que passa por montanhas semelhantes às da Hungria e um caminho cercado por laranjeiras em flor.

A cidade desperta em Liza simpatia e tranquilidade: “... senti que esta terra nos estava segurando com braços invisíveis. Uma simpatia que nasceu ao primeiro encontro”. (PAULINI, 1980, p.628-629)

Segundo Livia Paulini, se alguém a perguntasse agora, qual foi o momento mais explêndido da história do Acoradouro, responderia: “...transmitir as imagens corretas do século passado, idéias tratadas com respeito, revisadas no reflexo da defesa do meio ambiente, seria uma forma reveladora da harmonia ordenada por Deus, interessado pelo destino e pelos atos dos seres humanos”.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PAULINI, Livia. *Acoradouro*. 1ª ed. Belo Horizonte: Ed. São Vicente, 1980.

PAULINI, Livia. *Antologia de escritoras da Academia Feminina de Letras*. Belo Horizonte: AFEMIL, 1994.



SELIGMANN-SILVA, Márcio. Literatura de testemunho: os limites entre a construção e a ficção. In: *O local da diferença: ensaios sobre a memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Ed. 34, 2005.